

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Correios 350 Anos: Aproximando Pessoas (HVC)

Desbravando a Transamazônica

História de [Pedro Trindade Ribeiro](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 24/09/2013

Correios – 350 Anos Aproximando Pessoas
Depoimento de Pedro Trindade Ribeiro
Entrevistado por Rosana Miziara
Monte Dourado, 26/07/2013
Realização Museu da Pessoa
HVC062_Pedro Trindade Ribeiro
Transcrito por Liliane Custódio

P/1 – Seu Pedro, o senhor pode falar seu nome completo, por favor, local e data de nascimento?

R – Pedro Trindade Ribeiro.

P/1 – Nasceu quando?

R – Dezesesseis de junho de 1958.

P/1 – Aonde?

R – Sertãozinho, Paraná, município de Guaraniaçu.

P/1 – Seu Pedro, seus pais são de Sertãozinho?

R – Meus pais são naturais de Laranjeiras do Sul.

P/1 – No Paraná também?

R – Paraná também.

P/1 – Seu pai e sua mãe são de lá?

R – São de lá de Laranjeiras.

P/1 – E seus avôs maternos e paternos?

R – Os meus avôs maternos e paternos são de Guarapuava. Nascidos e criados em Guarapuava.

P/1 – Dos dois lados?

R – Dos dois lados.

P/1 – E você sabe como o seu pai e a sua mãe se conheceram?

R – O meu pai e a minha mãe se conheceram numa festa. Minha mãe tinha 15 anos e o meu pai, 17. A partir daquele dia, começaram a se olhar, se gostar, procuraram conhecer as famílias, a origem das famílias. Descobriram que os pais deles, tanto pai da minha mãe, como do meu pai, eram nascidos e criados em Guarapuava. O meu avô paterno, filho de índio. O meu bisavô foi pego na mata, criança. E a minha bisavó era portuguesa, de origem portuguesa com alemão, a minha bisavó. A mãe do meu pai veio da Alemanha com três dias de nascida, chegou ao Brasil. Viajou de navio. A minha bisavó, que eu não conheci, teve a minha avó, então chegaram ao Brasil com três dias de nascida, a minha avó, mãe do meu pai, chamava-se Carmélia Ians. E o meu avô, filho de índio, Zacaria Gonçalves Ribeiro, se criou até os 26 anos na mata com o meu bisavô, não teve estudo nenhum, aprendeu a ler e escrever por natureza. Aos 26 anos de idade, ele saiu para o comércio, lugar mais desenvolvido, e fundaram Laranjeiras do Sul. O meu avô, Zacaria Gonçalves Ribeiro, junto com o meu outro avô, Pedro Machado Teixeira, e outro, vizinho e amigo deles, também do mesmo lugar, chamado Augusto Fausto.

P/1 – Os três que fundaram?

R – Fundaram Laranjeiras do Sul.

P/1 – Quer dizer, seus dois avôs?

R – Sim. Os dois avôs e mais junto o outro amigo deles, moravam juntos, próximos. Aos 26 anos de idade, o meu avô começou a tirar alguns documentos e aprender a leitura. Zacaria Gonçalves Ribeiro, filho de índio puro, o pai dele era índio puro. Aí foi misturando a raça de alemão com índio, tanto do lado da mãe, como do lado do meu pai. Aí saímos nós, a nossa geração.

P/1 – O que seus avôs faziam, paternos e maternos?

R – Eram agricultores, de origem. Agricultor, criava um animal, criava um porco, e um pouquinho de gado, que naquela época era muito difícil. O meu avô paterno foi madrinheiro de tropa.

P/1 – O que é madrinheiro de tropa.

R – Madrinheiro é um menino pequeno, na idade média de 12, 13 anos, monta num animal manso e vai na frente da tropa. A tropa vai carregada. Era como transportava a mercadoria naquela época. Então meu avô era madrinheiro de tropa. Cansou de dormir montado em cima do animal. O animal vai com um cocvalho, o chocvalho vai batendo pra ir chamando a tropa. Depois passou para o carro, mas não o carro motorizado que hoje existe, o carro puxado por oito burros. Era uma carroça grande de quatro rodas puxada por oito animais. Oito trabalhavam e oito descansavam, iam puxados atrás do carro. E naquela época já existiam o assalto, o roubo, o crime, e eles viajavam em comboio. O que é um comboio? Juntavam-se cinco, seis carros, transportando mercadoria de uma cidade pra outra, para os interiores, viajavam em comboio, era o carro. O meu avô foi boleieiro de carro, era boleia, chamava-se boleia. Então foi boleieiro de carro de comboio. E cada carro carregava dois seguranças. E quando uma turma dormia, a outra turma ficava fazendo a sentinela pra não ser assaltado. Liberava a tropa pra ir pastar, os animais pra irem pastar. Se eram seis carros, viajavam 12 seguranças. Os seguranças ficavam em posição, armados com rifle, na posição de guarnição dos que dormiam e da mercadoria. Os mesmos seguranças, quando chegavam a hora de viajar, três horas da manhã, eles faziam o fogo, faziam o café, faziam a merenda e despertavam os que estavam dormindo. De dia os seguranças dormiam dentro dos carros com as mercadorias, pra na noite fazer a sentinela. Essa era a vida dos meus avôs.

P/1 – Como você ficou sabendo dessas histórias? Eles contavam?

R – Porque meu avô, pai do meu pai, ele conversava muito conosco, contava a vida do pai dele, que é meu bisavô, e contava a vida dele. Ele dizia assim: “Menino, um dia vai servir pra você”. Eu era muito querido dos meus avôs, eu sempre procurava estar junto com eles, ouvindo alguma coisa que eles falavam da experiência da vida. Depois que a cidade de Laranjeiras cresceu, o meu avô passou a trabalhar na polícia, era comissário da polícia. Tinha uma região que ele tomava conta. E durante esses 12 anos que ele trabalhou na polícia, antes de eles mudarem para o lugar onde eu nasci, eu não era nem nascido ainda, ele contava pra nós. Contou muitas vezes de dois assuntos que ele descobriu dentro no tempo que ele tava trabalhando na polícia, assunto que hoje, com toda a tecnologia que tem, com todo o material de equipamento de investigação que polícia tem, talvez não descobrisse. O que Deus deu pra ele pela natureza. Ele contava que quando chegaram os primeiros caminhões na cidade de Laranjeiras, um comerciante amigo deles pegou uma pessoa, o motorista de Curitiba. E naquele tempo, quem tinha uma profissão de ser motorista era uma pessoa muito querida de todo mundo, todo mundo queria estar próximo dele ou conversar com ele, principalmente as mulheres solteiras. E esse motorista foi a uma festa, e nessa festa tinha uma pessoa mal-intencionada, inclusive o meu avô já tinha aconselhado-o há muito tempo. Ele queria fazer uma baguncinha, meu avô aconselhava, explicava a lei pra ele. Que naquele tempo a lei era dura. Hoje não, hoje tem advogado. Naquele tempo, se uma autoridade determinasse uma coisa, era cumprido aquilo ali, tinha que cumprir. Hoje não, hoje tem advogado, até o cara criminoso tiram da cadeia e tanta coisa. Aí lá apagaram os lampiões, não tinha energia, era na luz de querosene, iluminava as casas, as festas. Apagaram os lampiões, fizeram uma bagunça, apagaram os lampiões, ficou tudo escuro, e esse homem estava de pé atrás da porta da saída, e apareceu morto do lado de fora, com uma facada. E meu avô tava na casa. No outro dia, foi a parte para o meu avô. Chegou lá, contaram a história, ele perguntou: “Quem tava na festa?” “Tava fulano, ciclano, bertano”. Foram dizendo os nomes. E ele se lembrou dessa pessoa que ele já tinha aconselhado muitas vezes. Disse: “Fulano tava na festa?” “Tava” “Ele tava aonde a hora que apagaram os lampiões?” “Tava próximo do homem que apareceu morto”. Foi só o que bastou pra ele. Pegou um animal, montou a cavalo, não tinha transporte, era de

cavalo, e foi até a casa do pai desse rapaz. Chegou lá: “Cadê o fulano? Está aí?” “Está” “Chame-o pra mim”. Chamou, ele veio, falou com meu avô e perguntou: “Seu Zacaria, o que o senhor precisa de mim?” “Não, eu só vim te ver, falar com você. Eu queria só que você me desse a tua faca” “Pois não, seu Zacaria”. Foi lá dentro, pegou a faca, entregou para o meu avô. O meu avô puxou a faca, olhou bem olhado de um lado, de outro, não viu nada, não viu nenhum vestígio de sangue. Falou pra ele o seguinte: “Olha, eu vou te pagar a faca. Eu vou precisar levar essa faca. Só que eu vou cortar a bainha dela, por isso que eu vou te pagar a faca”. E meteu a faca dentro da própria bainha e puxou. Quando ele puxou, que a bainha abriu, o sangue do homem tava vivinho dentro da bainha.

P/1 – A bainha abriu no meio?

R – Abriu no meio. Ele arrancou da arma e deu voz de prisão nele. Ele tirou 12 anos de cadeia, regime fechado. Quando cumpriu a pena, a primeira pessoa que ele veio agradecer foi meu avô, porque daí lá na cadeia ele foi sofrer e se lembrar dos conselhos que meu avô dava pra ele. Então essa foi uma. A outra, também da polícia, apareceu um homem na região, procurado, esse homem era do Rio Grande do Sul. E tinha outro morador idêntico a esse. E o delegado era um delegado federal, que tava destacando, que veio pra ajudar endireitar o lugar, chamava-se Valdomiro, um gaúcho, também gaúcho. E esse um que parecia com o procurado era do mesmo lugar do procurado, só que não era o procurado. E veio a ordem para o meu avô arrumar tantos homens e buscar esse homem, ou vivo ou morto. E foram, e trouxeram. No dia de ir pra audiência, o homem correu, e o delegado tava junto. Meu avô arrancou a arma pra atirar no homem, mas o delegado não autorizou. Ele não atirou, porque se ele atirasse, ele matava. Ele atirava de fuzil, distância de mil metros, e dava no alvo, a bala. Arrancou a arma pra atirar, o delegado não autorizou, ele não atirou no homem. E o homem fugiu, foi embora. Chegou a casa, escreveu um bilhete pra esposa dele, botou dentro de uma pilha de prato, pegou dois burros e fugiu para o Rio Grande do Sul pra buscar o documento dele pra provar que não era ele o procurado. Viajou, atravessou no rio com aqueles animais e foi embora. Com 30 dias, ele chegou de volta com o documento e provando. Quando o homem correu, o delegado olhou para o meu avô, disse: “Por que você não atirou no homem?”. Ele falou: “Você não me autorizou. Como eu ia atirar no homem se você não me autorizou? Se você tivesse me autorizado, eu tinha matado. E eu tenho certeza que não é esse homem, é outro homem”. E nesse intervalo que ele foi ao Rio Grande buscar o documento dele, o meu avô achou o outro e prendeu o outro. Quando o de lá chegou, que já sabiam que não era ele mais, a polícia já sabia, ele foi procurar o meu avô: “Olha, seu Zacaria, agora o senhor vai comigo, porque eu quero provar a minha inocência”. O meu avô falou: “Não, nós só vamos levar você para o delegado pra provar que você foi e voltou com o documento, mas nós já pegamos o outro e sabemos que você não é a pessoa que deve o crime”. Então essas duas histórias meu avô contava pra nós. De vez em quando ele tava repetindo as mesmas histórias pra nós.

P/1 – E seu pai?

R – O meu pai?

P/1 – Como ele era?

R – O meu pai mais pertence pra alemão. Como eu já disse, a minha avó chegou com três dias de nascida da Alemanha, ele é bem louro, grande, do olho azul, quase azul. Mora na Transamazônica, está com 83 anos de idade. Nós chegamos à cidade de Altamira dia três de agosto de 77. Era uma cidade bem pequenininha, e a floresta igual aqui que nós estamos vendo aqui hoje, floresta pra todo lado. E nós fomos descarregar nossa mudança na cidade de Uruará, que hoje é cidade.

P/1 – Mas com quantos anos você mudou pra Altamira?

R – Dezenove anos de idade.

P/1 – Ah, não, vamos voltar lá atrás. (risos) Você nasceu, você morava na cidade de Laranjal?

R – Meu pai é nascido na cidade de Laranjeiras do Sul.

P/1 – E você?

R – Eu nasci em Sertãozinho, no município de Guaraniáçu.

P/1 – Por que vocês foram pra Sertãozinho, seu pai foi pra Sertãozinho?

R – Porque eles foram querer legalizar a terra, na cidade de Laranjeiras, não existia mais terra devoluta. Era só capoeira, muita gente morando. E eles foram procurar um lugar mais distante pra criar a família. Era a época que os meus tios estavam casando, as minhas tias estavam casando, foi no ano que meu pai casou. Ele viveu com a minha mãe 59 anos casado, separaram por morte. Está com cinco anos, mais ou menos, que a minha mãe faleceu, e o meu pai está vivo até hoje.

P/1 – Mas aí vocês foram pra essa cidade, pra Sertãozinho?

R – Não. Lá não era cidade, era uma mata, não existia nada.

P/1 – Vocês foram pra essa mata?

R – É. Quando eles chegaram, onde hoje é a cidade do Campo Bonito, existiam três moradores: um chamava-se Pompílio, ou outro chamava-

se... Esqueci o nome dele agora.

P/1 – Não tem problema.

R – Morador muito antigo. Conheci a família dele toda: ele, a esposa, os filhos. Então as famílias, os filhos, estão até no Uruará. Cassimiro Rocha. Morava o Pompílio, o Cassimiro Rocha e mais outro, que eu não lembro o nome. O mais antigo era o seu Pompílio, um homem de pequena estatura, mas muito trabalhador, de uma família muito honesta na época. Até hoje. Tem as descendências, os filhos, os netos, ainda moram no mesmo lugar. Então quando o meu avô chegou com os genros dele e os filhos atrás de uma terra, procuraram o morador mais antigo e se informaram, o seu Pompílio. Falaram com o Seu Pompílio, ele deu hospedaria, deu lugar pra guardar os animais, pasto para os animais. E à noite conversaram: “Seu Pompílio, o senhor é o morador mais antigo aqui. Onde nós podemos achar uma área que dê pra nossa família?”. Pra cinco filhos e três genros do meu avô, e o meu avô. Seu Pompílio falou: “Olha, daqui uns três, quatro quilômetros, entrando pra dentro aqui tem uma água, lá toma nome de rio, riacho ou sanga. Aqui é Igarapé. Aqui no Pará é Igarapé. Aí lá naquele rio chamado Canela, até lá é minha área, é minha posse. De lá pra frente não tem dono. Aonde vocês acharem uma água boa, que vocês se agradem, vocês podem armar o acampamento de vocês”. Dali do Canela pra frente, eles abriram 18 quilômetros de pico dentro da mata. Ali naquela mata só existia porco queixada, que é o porco do mato, a anta, o veado-mateiro, que lá toma nome de veado-pardo, o veado-cambuta, que lá toma nome de cambuta, aqui se chama de veado-roxo ou fuboca. Paca, cotia, muita gralha azul, que plantava o pião na época, e outras variedades de passarinho, não tinha uma viva alma. Eles abriram os 18 quilômetros de pico, chegaram à beira desse lugar onde nasci, chamado Sertãozinho. Uma água muito bonita na época. Muita caça e peixe. Cachoeiras. E lá eles abriram um lugar. Derrubaram a mata, fizeram uma abertura e começaram a fazer uma roça. Quando a roça tava pronta, derrubada, ficaram três dos solteiros pra fazer a estrada dali, pra carroça de animal, carrocinha de quatro rodas, pra varar lá no Campo Bonito, 18 quilômetros. Fazer ponte, fazer abertura, cortas toco de machado, não existia na traçador na época, nem serrote traçador. Hoje é tudo na motosserra e máquina moderna. No dia que eles vararam, aí queimaram a roça. No dia que eles vararam com a estrada no campo, varou como ontem, como hoje chegou a mudança, 200 e tantos quilômetros, eles mudando em costas de animal, trazia a tropa deles, os animais, e duas carroças carregadas de feijão, arroz, milho, galinha, e os pertences de casa, as tralhas de casa, as tralhas de cozinha.

P/1 – Aí eles foram com a mudança, com os pertences de cozinha.

R – Chegaram com a mudança. Aí foram plantar roça. Plantaram aí roça, colheram.

P/1 – E como construiu a casa?

R – A casa era tudo manual. A casa era coberta de palha. As primeiras casas cobertas de palha. Há muitos anos, eu ainda vi as fotos muito antigas das primeiras casas que eles construíram. Depois veio alguém de fora e os fotografou lá, pessoas do Governo do Estado. Com três anos que eles estavam ali, chegou uma companhia do Governo do Estado, chamada Fundação do Estado do Paraná, pra fazer 200 quilômetros de estrada. E procuraram a família do meu avô, já indicada pelo Seu Pompílio, que procurasse, que lá eles iam achar muitos homens que tinham condições de trabalhar com eles no serviço. Aí o gerente da empresa chamava-se Francisco Curca. Francisco Curca era de origem polonesa, era o gerente dessa firma que fez esses 200 quilômetros de estrada. Então a estrada passou bem pertinho da casa deles, distância de mais ou menos mil e 500 metros passou a estrada. Ia ligar a um rio chamado Piquiri mais à frente. Ia a estrada principal, depois abria-se um ramal, depois abria mais outro ramal. Fazia dois ramais: um, esse aqui ia por aqui, passava outro rio e ligava nessa no porto; e essa outra ligava em outro porto, mais embaixo. E naqueles lugares de chapada, de terra bonita, eles abriram cinco quilômetros pra cá, cinco pra cá, como se fosse uma vicinal, que hoje existe na nossa região aqui e existe também na Transamazônica. Então eles abriram, mas não tinha morador nenhum, era só pra abrir mesmo, para o povo vir, para o povo habitar na região. Então as primeiras casas eram cobertas de palha e cercadas de taquara. Talvez a senhora nem conheça taquara. Taquara é uma espécie de bambu sem espinho, chama-se taquara-mansa. E o que tem espinho, lá no Paraná, toma nome de taquaruçu. Hoje nem existe mais também, está em extinção, tanto a taquara, quanto Taquara do Sul, a não ser em alguma reserva de mata do Governo, ainda se encontra isso aí, mas no mais, acabou tudo.

P/1 – E você nasceu nessa casa?

R – Em uma dessas casas?

P/1 – Como era lá? Quem vivia lá? Quantos irmãos você tinha?

R – Na época, eu só tinha dois irmãos: uma irmã que eu não conheci, morreu criança; e um irmão meu, que morreu aqui também já com a idade de 40 anos.

P/1 – Mas nessa casa moravam você e seu irmão, em uma das casas?

R – Moravam meu pai, a minha mãe, minha irmã que eu não conheci, minhas duas irmãs, e esse meu irmão. Da família, hoje, eu sou o mais velho dos que nasceram do meu pai e da minha mãe. Não que eu seja o mais velho, é o mais velho que representa família, os outros já morreram tudo. Morreram essas duas crianças, duas meninazinhas.

P/1 – As duas morreram?

R – Morreram as duas.

P/1 – Do quê?

R – Até hoje ninguém sabe. Na época não tinha médico. Quem atendia as mulheres que iam ganhar neném eram as parteiras. Eu nem as conheci, as minhas duas irmãzinhas.

P/1 – E como era? Quem vivia nesse lugar?

R – Vivia meu avô, próximo, o meu tio mais velho chamado Salastiel, por apelido, Salastuca. O segundo tio, por nome Idelbrando, conhecido por Brandico, o meu tio Dorvá, o meu pai, Bernardo Ian Ribeiro, o meu tio Dorvá, tio Albano e o tio Varsílio, Basílio, conhecido por Varsílio.

P/1 – Com as suas mulheres e filhos?

R – Não. Uma parte ainda era solteira. Tinham três tios solteiros: o tio Albano, tio Varcílio e o tio Dorvá eram solteiros. Eram casados o meu pai, Bernardo, tio Brandico e o tio Salastuca, e a tia Maria e a tia Maria de Jesus, e a tia Bega, Begail.

P/1 – E vocês moravam todos no mesmo lugar?

R – Tudo próximo. Era como se fosse numa aldeia. Tudo próximo um do outro.

P/1 – Como eram as brincadeiras de infância?

R – Ah, eu não lembro muito bem de brincadeira. Eu tive pouca brincadeira na minha infância. Eu lembro que nós jogávamos bola, corríamos com cavalo de pau e éramos muito travessos pra mexer com criação. Pra mexer com porco. Nós já tínhamos um comecinho de gado, pra mexer com gado, pra prender pato. Minha mãe criava muito pato na época, e tirava a pena do pato de seis em seis meses pra fazer coberta por causa do frio, era muito frio na época. Então não tinham os edredons que têm hoje e outros tipos de cobertas. A coberta era feita artesanal em casa e era a minha mãe que fazia costurado à mão.

P/1 – Você teve alguma educação religiosa?

R – Não. A minha mãe, tanto a minha mãe, como as minhas avós, elas frequentavam a igreja católica. Depois que a gente ficou homem, cresceu, mudamos de estado, veio para o Pará, eu fiquei neutro da igreja católica. Eu via algumas coisas que não estavam certas, que eu achava que não eram certas. Mas era a minha pessoa que dizia que aqui ali não era certo. E um dia nós preparando pra fazer uma festa numa igreja católica, na época a gente era católico, eu falei para o presidente daquela festa: “Olha, eu não acho certo isso: matar um boi, carrear esse boi, vender bebida e vender essa carne. Se é uma festa de uma igreja, por que todo mundo não dá a coleta e todo mundo não come e bebe em comum, sem entrar dinheiro?”. Ele respondeu bem assim pra mim: “Não, é porque nós temos algumas contas pra pagar”. Também isso passou da minha vida. Foi uma coisa que passou. Então eu achava que não era certo fazer aquilo. E os meus 19 anos, 20 anos já completos, um dia eu peguei uma Bíblia do Novo Testamento. Onde está lá escrito em Coríntios sete, salvo engano, escrito assim: “À cerca do casamento, seria bom que o homem não tocasse em mulher, mas por causa da prostituição, cada uma tem o seu marido, e cada homem tem a sua esposa”. E a gente na época, eu era muito namorador na época, era moço novo, eu fechei a Bíblia, guardei e não peguei mais. (risos) Digo: “Se for para o homem cumprir isso aqui pra entrar no céu, está muito difícil”.

P/1 – Aí o senhor fechou a Bíblia...

R – É. Fechei a Bíblia e não a peguei mais. Isso foi na Transamazônica, eu tinha 20 anos nessa época. Já tava com um ano que nós tínhamos chegado da Transamazônica, onde nós vimos nascer e crescer a cidade do Uruará.

P/1 – Vamos chegar aí. Deixe-me voltar. Com quantos anos o senhor entrou na escola?

R – Eu entrei aos oito anos.

P/1 – Como você ia pra escola?

R – Ia a pé. Ia a pé, descalço e pisando na geada. Eu e mais meus dois irmãos. No ano que eu nasci, no ano de 58, deu uma geada muito grande com neve, onde matou pé de laranjeira com cinco, seis anos de idade, caiu toda a folha. Muitos brotaram e muitos não brotaram mais. E na noite que eu nasci, uma mulher chamada Maria Matosa, que era esposa de um senhor chamado Emílio, dos antigos também daquela região, foi a parteira que cuidou da minha mãe no dia que eu nasci. Depois que eu nasci, que fizeram todo o processo, cortaram o umbigo, tal, e me enrolaram ali numas fraldas quentes, chamava-se pelúcia, eram umas mantas grandes de pelúcia, que tinham de várias cores, e me botaram pra dormir. Conta minha mãe, conta a minha avó, conta essa mulher que nós a chamávamos de madrinha, que foi quem cuidou da minha mãe no parto, que eu chorei muito depois, passados uns minutos, e elas não sabiam o que era. Chorei, chorei, chorei, chorei, acabou o choro. E eles não perceberam que eu tava gelado. Que eu urinei, aquela urina esfriou e congelou. Quando eles foram ver, eu já tava me apagando. Aí foi aquele corre-corre, esquenta pano, passa pano quente, e tudo, até que eu voltei de novo. Então nessa época era uma época muito sofrida. Então quando chegou a idade de eu ir pra escola, nós íamos a pé pra escola, distância de três a quatro quilômetros. O meu primeiro professor, que também só tinha a quarta série do primário, chamava-se Francisco dos Santos. Depois passei a estudar com outra professora, chamava Helena, Helena Letma. Depois da Helena, passei pra outro professor, chamado Luride Piana. Depois do Luride Piana, passei por outra professora, chamada Aladir Catarina Zamarck, de origem alemã também, essa também era da cidade de Laranjeiras do Sul. Inclusive parece demais com a senhora, a fisionomia é escritinha a senhora. Uma moça nova, 18 pra 19 anos, e já tinha concluído o ginásio, e hoje ela leciona na mesma escola até hoje.

Então naquela época mudaram a escola de um lugar para o outro, mas com o mesmo nome, Escola Nossa Senhora de Fátima. O prefeito era daquela região, era o dono da terra, doou uma área de terra e construiu uma escola. E no dia da abertura dessa escola, da inauguração dessa escola, reuniram-se as autoridades, os vereadores, o povo da região, foi uma festa muito bonita. No dia da abertura dessa escola, inventaram um casamento caipira, e eu era o noivo do casamento caipira. Moleque ainda de uns 11, 12 anos, muito gaiato e muito introvertido pra fazer os outros darem risada. Então nos vestiram lá, eu, como a noiva, de palhaços, e deram ali as coordenadas, o que era pra falar na hora do casamento, e houve esse casamento caipira. Então muita gente que não conhecia achou muito importante aquilo ali, muito bonito. E eu lembro bem que na palestra do prefeito, era um homem muito simples também, muito pouco estudo, mas muito honesto, ele falou assim: “Essa escola, hoje está sendo a inauguração dela, mas eu tenho um sonho de essa escola se transformar numa escola agrícola”. E esse sonho, há três anos, eu vi concretizado. Há três anos, como eu já disse, saí do Paraná aos 19 anos, e voltei lá no ano de 2010. Fomos lá, fui lá ao lugar onde eu nasci. E como eu já falei, do Rio Sertãozinho, eu chorei, o meu coração chorou de ver o que eu vi. O Rio Sertãozinho está morto, morreu. O veneno da agricultura matou o rio, poluiu. Está lá uma lagoa onde nós nadávamos, pescávamos e brincávamos, morta, nem correr, não corre mais. No lugar que nós banhávamos nas cachoeiras e pescávamos, não corre mais água, está tudo seco. E o meu coração chorou de ver uma tristeza daquela ali onde eu nasci e me criei até os 19 anos de idade.

P/1 – O senhor ajudava seu pai?

R – Ajudava desde os oito anos de idade.

P/1 – O que você fazia?

R – Eu comecei a trabalhar com o meu pai, ele trabalhava fora, plantava roça numa fazenda de um velho de Santa Catarina, um senhor de idade já, um fazendeiro forte, chamado Giuliano Stefani, de origem italiana. Então meu pai plantava muita roça de milho, muito grande, pra nós tanto criar porco, como vender, que naquela época já começa vender alguma coisa. Então eu ia, pra companheiro do meu pai, fazer fogo, cozinhar o feijão, esquentar água para o chimarrão, para o café. Depois eu ia ajudar carregar os cargueiros, os animais na roça. Aqui toma nome de jacá. Na nossa língua lá do Paraná chama-se cesto. São umas vasilhas grandes feitas de taquara, que pegam seis mãos de milho. Seis mãos são 64 espigas de milho. É uma mão de milho lá na nossa linguagem. Então ele pegava na faixa de 12 a 13 mãos de milho o par de cesto, cada animal. E eu ia jogar o milho dentro do cargueiro com o meu pai. E puxava um ou dois animais pra colher a roça. Era o que nós fazíamos. E quando já começou a trabalhar com plantio de arroz, nós íamos limpar arroz de enxada, a roça de arroz, limpar a roça. Plantar feijão, arrancar feijão, carregar para o terreiro. Meu pai plantava fumo, tabaco, que o pessoal diz hoje tabaco, mas naquela época, lá na nossa linguagem é plantio de fumo, fazia fumo artesanal pra vender também, pra ganhar o “troquinho”. Meu pai criava abelha, foi criador de abelha, apicultor, que hoje é apicultor, naquela época era criador de abelha. E nós íamos ajudar meu pai a fazer a fumaça pra tirar a abelha. Que não existia o que existe hoje, aqueles fumaceiros, tudo. Então nós íamos ajudá-lo e segurar a vasilha pra ele tirar o mel, e colocar na vasilha, pra depois ele beneficiar aquele mel à noite, artesanal, tudo na mão. Então nós fomos criados no mel de abelha, no leite, muito leite nós tínhamos, umas vaquinhas de leite muito boas, na farinha de milho feita também em casa, artesanal, minha mãe fazia, no feijão do sul. Nós guardávamos feijão de um ano para o outro, só jogava fora porque não vendia, ia desocupar a vasilha, fazia uma caixa de madeira grande, com tampa, e guardava aquele feijão ali no próprio cisco do feijão. Saía aquela “munha” da folha, então aquilo ali protegia o feijão. Então tava velho, de um ano para o outro, jogava aquele fora pra botar outro novo, que não tinha pra quem vender. E na época, meu avô sempre falava isso: “Meu filho, vocês têm que ter na casa de vocês 60 quilos de sal, guardados por vida, porque o dia que tiver uma guerra, vocês ganham a mata e sempre procurem morar em lugar que tenha mata. Que vai ter a Terceira Guerra Mundial?”. Ele sempre falava isso pra nós. Então tendo sal, tem como viver na floresta. E aqui, aqui no Pará, aqui num lugar chamado Encruza, aqui na frente, eu conheci um homem por apelido Caçador, passou 60 dias perdido na mata e sobreviveu só de fruta natural. Ele já foi embora. Ele é do Maranhão, já foi embora para o Maranhão. Então essas coisas, a gente vem conhecendo essa origem de muitos anos. A origem dos pais, dos avôs, a nossa origem, o que eu conheci no Paraná, o que eu conheci na Transamazônica e o que eu estou conhecendo hoje aqui.

P/1 – Até quantos anos o senhor ficou em Sertãozinho?

R – Até os 19 anos de idade.

P/1 – E a juventude? O que o senhor fazia na juventude? Divertia como?

R – Ah, na juventude? Nós jogávamos bola, nós nadávamos nos açudes, nos rios, nesse Rio Sertãozinho, e namorava, brincava com a meninada. Na época já tinha um bocado de menina tudo bonita, de origem italiana, alemã, era aquela festa, aquela alegria. Onde nós estávamos não tinha tristeza, era só alegria. Inclusive, essa professora que eu falei, Aladir Catarina Zamarck, ela era uma pessoa muito criativa, ela ensinava muita coisa para os alunos, e era muito querida de todos, tanto dos moços, dos meninos, como das meninas. Então ela criava muita brincadeira na escola pra nós. Era muito divertida a nossa aula.

P/1 – Do que você mais gostava na escola?

R – Ah, eu mais gostava de estar na secretaria. Eu ia buscar livro na secretaria, eu ia deixar livro, eu a acompanhava pra secretaria, eu fazia o fogo pra fazer a merenda, era eu que fazia no fogão à lenha. Então eu gostava disso. (risos) Porque eu me destacava no meio dos outros alunos, então eu tinha mais tempo. E gostava de fazer aquilo ali. Era uma coisa que eu gostava de fazer. Então eu tinha muito acesso à secretaria, e à cozinha também ao mesmo tempo. Quando eu não tava numa eu tava na outra.

P/1 – E você tinha algum desejo de sair de Sertãozinho pra outro lugar quando você era jovem?

R – Não, eu sempre tive um desejo de conhecer Rondônia.

P/1 – Por quê?

R – Pelo nome que eu via. Em 1970, quando surgiram as primeiras televisões, como eu já disse, que nós trabalhávamos nessa fazenda desse homem.

P/1 – Que fazenda vocês estavam trabalhando?

R – Era na fazenda do seu Giuliano Stefani. Ele tinha um gerente dele que era muito amigo nosso, de muitos anos, e entrou a trabalhar na empresa do patrão quando ele era moço novo também. Puxando tora em carro, carro com mula. Não existia nem o trator de esteira ainda. Isto numa cidade de Santa Catarina, por nome Porto União. Então ele começou a trabalhar lá quando o patrão dele vendeu a primeira carrada de madeira serrada, serrada naqueles traçadores, no vai e vem. Monta-se um estaleiro, fica um homem embaixo e um em cima. O de baixo puxa a serra e o de cima faz o comando. Vendeu essa madeira pra São Paulo, uma madeira chamada imbuia, que também está em extinção. Aí o patrão dele viu que dava dinheiro, comprou um carro desses de oito cavalos, puxados por mula. A madeira, as toras no mato eram embarcadas manuais nesse carro. Ele foi o condutor desse carro muitos anos. O patrão melhorou, montou uma serraria em Santa Catarina, em Porto União, comprou os dois primeiros caminhões e mandou ensiná-lo a dirigir esses caminhões. E ele aprendeu dirigir esses caminhões. Há muitos anos, o patrão comprou uma área de terra no Paraná próximo de nós. Esse patrão comprou por mapa. E ele comprou uma área do patrão pelo mapa também, sem nem conhecer. E ele trabalhou pagando essa área de terra 20 anos. E a esposa dele era criada do patrão e sobrinha, de toda inteira confiança do patrão. Foi quando o patrão veio para o Paraná, comprou uma serraria, montou uma serraria no Paraná, e ele foi ser o gerente da serraria no Paraná. Já nos conheceu, nós já trabalhando na fazenda desse homem, do Giuliano. E esse outro se chamava Germano Gosla, alemão também. Então ele era muito amigo nosso. Então nós começamos a conhecer esse povo há muito anos e convivemos muito com eles, trabalhamos nas fazendas junto com ele, na administração dele, desse Germano, que era casado com a sobrinha do velho Giuliano, seu Giuliano. Que ainda até hoje tem essa fazenda. O velho já morreu há muito tempo, mas os filhos tomam conta ainda do que o pai deixou até hoje. Chegaram a possuir 12 mil vacas nelores.

P/1 – E o que você fazia na fazenda?

R – Nós plantávamos e roçávamos pasto também, limpávamos as pastagens. Fazíamos todo o serviço.

P/1 – E lá nessa época você tinha vontade de ir pra Rondônia por quê?

R – Porque nós víamos na televisão passar Rondônia, os plantios de café, as araras, as onças, e víamos passar também a Transamazônica. Que onde tem o marco da Transamazônica, próximo de Altamira, na entrada que vem pra Vitória, foi cortada uma castanheira, uns oito metros de altura, lá se chama Marco do Presidente, ou Pau do Presidente. Agora, como cortaram essa castanheira na época, eu não posso dizer, porque quando nós chegamos, já tinha esse marco, tem até hoje lá, é um ponto turístico, um ponto de referência dos visitantes da região. Então foi cortada certinha essa castanheira. Porque na época, acho que não tinha nem motosserra quando cortaram essa castanheira. Então ali é um ponto de referência. Então nós víamos passar lá no Paraná, nessa época, a Transamazônica e Rondônia. E na Transamazônica, nós víamos muita coisa, que eu via na televisão e depois eu vim ver pessoalmente. Então surgiu o pessoal indo pra Rondônia e vindo pra Transamazônica. E um tio meu, que era amigo de um fazendeiro, tio Idelbrando, era amigo de um fazendeiro, eu vou ver se eu lembro o nome dele... Eu sei do apelido, acho que não é nem o nome, chamava-se Ganzela. Era vizinho do meu tio. Tinha uma fazenda muito boa e convidou meu tio e outro velho, outro senhor muito antigo também, chamava-se Francisco Milanschi Polaco, que era dono de um posto, o primeiro posto de gasolina de Campo Bonito. E foi a primeira casa de alvenaria que eu vi também, era desse Francisco Milanschi, que era um homem bem sucedido, a família muito grande, que inclusive os filhos dele se casaram com as filhas do Cassimiro Rocha, umas mulheres muito bonitas até hoje, são “idosonas”, mas são tudo linda. Então casou parece que três filhos do Francisco Milanschi com três filhos do Cassimiro, e vieram tudo pra Transamazônica. Então esse Ganzela convidou esse Francisco Milanschi e convidou o meu tio pra vir ao Pará, e vieram pra Belém. Vieram de carro até Belém. Em Belém compraram uma viagem de avião pra Santarém. De Santarém, pegaram o barco e vieram conhecendo as cidades ribeirinhas do Baixo Amazonas: cidade de Monte Alegre, cidade de Prainha, essas cidades ribeirinhas, Almeirim. E foram até Belém. Chegaram a Belém, compraram outra passagem de avião pra Altamira, procuraram o Inca, que queriam se instalar. O Inca indicou pra eles o quilômetro 180 da Transamazônica. Eles pegaram um carro do Inca e foram até o quilômetro 180. Até então não existia a cidade. Tinha uma igreja católica, não tava terminada, a casa do padre estavam fazendo, padre Oscar, conheci, foi muito amigo nosso. E tinha mais duas casinhas do Inca, duas bandolinhas feitas pra apoio do Inca, onde tinha um homem que chamava-se Antônio Jeriqueiro, que já trabalhava num trator do Inca, num jerico do Inca, e essas duas casas. Então não tinha ninguém, só os colonos, meio espaçoso, disperso um dos outros. Meu tio veio, gostou muito da Transamazônica, falou: “Olha, lugar de nós mudarmos não é pra Rondônia. Lá tem muito apoio do Inca, tem muito apoio do Governo Federal”. Na época, o Governo Federal, o presidente era o João Baptista Figueiredo.

P/1 – Ah, Figueiredo.

R – E a Transamazônica era um luxo de estrada, muito bem conservada pela União, pelo Governo Federal. Isso chamou muito a atenção do meu tio. E veio outro homem também, compadre do meu pai, conhecer a Transamazônica e falou: “Lá é o lugar de o pobre viver. Lá tem caça, lá tem floresta, lá tem terra boa e tem muito investimento”. Ele disse: “Eu fui ao Banco do Brasil, na cidade de Altamira, na Rua Sete de Setembro, que hoje o Banco do Brasil mudou, é em outra rua, é na Pedro Gomes, e lá eu vi muito colono entrar no banco e sair com um pacote de dinheiro embaixo do braço pra trabalhar. Lá é o lugar do pobre. E lá, o plantio de lá é cacau”. E na influência de plantar o cacau, nós viemos pra Transamazônica.

P/1 – Quem veio?

R – Nós. A nossa família. Com essa notícia que eles deram, nós viemos pra Transamazônica.

P/1 – Mas veio o seu pai, sua mãe?

R – Veio meu pai, veio minha mãe, veio quase tudo os meus tios, só ficou um que não veio conhecer. E as minhas tias também ficaram no Paraná. As irmãs do meu pai ficaram lá. Hoje só tem uma que é viva, está bem velhinha, mora na Foz do Iguaçu. O ano que eu fui visitá-la, eu fui lá conhecer a Foz do Iguaçu e conhecer também o Paraguai, entrei dentro do país do Paraguai, conhecer a Cidade de Leste, que é a fronteira, de um lado é o Brasil, do outro lado é o Paraguai.

P/1 – E como vocês vieram do Paraná até a...

R – À Transamazônica?

P/1 – À Transamazônica?

R – Nós vendemos a propriedade que nós tínhamos, uma terra bem pequenininha. O brasileiro, o paranaense, o mineiro, o baiano, o gaúcho, por terra é igual minhoca, onde sabe que tem uma terra boa, ele procura ir pra lá. Então nós vendemos a nossa propriedade, fretamos um caminhão de um senhor chamado Eugênio, junto com senhor, um fazendeiro vizinho nosso chamado Teobaldo Pires, pagamos 18 mil da mudança. E carregou a mudança do meu pai junto conosco solteiros, meu irmão casado com a esposa, esposa gestante, terceiro mês de gestação, a mudança de outro vizinho, chamado Amado Rodrigues, junto com a esposa que se chamava Aurora, vizinha nossa, que era vizinha lá também, e mais outro, gaúcho, filho de gaúcho, morando também vizinho nosso, chamado Nédio Marquete. O Nédio já tinha vindo, conhecido, gostou, e veio conosco já pra localizar uma área de terra pra esse Amado, esse senhor chamado Amado, junto com a esposa. E compramos uma caminhonete F75, picape, da Ford, mandamos reformar na cidade de Cascavel pra vir as pessoas em cima. Foi colocado capota, que não era carro moderno da época, era carro simples, e nós viemos esse total de pessoas nesse caminhão. Iam dois na cabine com o motorista, pegamos um motorista também pra caminhonete, porque nós não sabíamos dirigir ainda e nem tínhamos carteira. E gastamos oito dias de viagem da cidade ali da nossa região do Sertãozinho, passamos por uma cidade próxima chamada Braganey, passamos em Corbélia, e viemos dormir na cidade de Maringá, já no norte do Paraná. No outro dia passamos na cidade de Arapongas, no outro dia de manhã, e entramos na cidade de São Paulo, cidade de Ourinhos. E viemos vindo até chegar ao Pará. Dormimos várias vezes dentro de Goiás, onde davam oito horas, nove horas da noite, nós parávamos pra fazer acampamento, cozinhar, fazer comida, e dormir. Paramos em Anápolis pra fazer revisão no caminhão, paramos meio-dia. O caminhão entrou seis horas da manhã pra revisão na Mercedes e saiu umas duas horas da tarde. E seguimos viagem. Chegando à cidade de Altamira dia 3 de agosto de 77. A cidade de Altamira era bem pequenininha, tava construído um posto de um homem chamado Severino, Posto Globo, Severino da Globo. E não tinha combustível pra nós seguirmos pra frente. Meu pai procurou a prefeitura, não tinha como ajudar, não tinha combustível também. Tinha mais dois postos, não tinha em nenhum, nem óleo, nem gasolina, tava em falta na região. Procuramos o Exército 51 Bis de Altamira, o Batalhão de Altamira, tinha só a reserva do Exército, não podia também nem vender, nem dar, nem emprestar. Eles têm lá uma regra, um limite. E nós ficamos oito dias dentro da cidade de Altamira por falta de combustível. Um dos meus tios que já tava lá no quilômetro 180 da Transamazônica, que hoje é a cidade do Uruará, soube que nós estávamos em Altamira, não tinha comunicação, veio a Altamira, mandou um filho com um carro dar assistência pra nós.

P/1 – Como ele soube que vocês estavam lá.

R – Foi alguém e disse: “Olha, chegou um pessoal do Paraná e é parente seu”. Mandou informação. Mandamos informação. E trouxe gasolina, mas não dava pra nós voltarmos, porque o carro deles também era à gasolina. Aí conseguimos o óleo, e o carro à gasolina ficou, e o caminhão da mudança seguiu pra descarregar lá no quilômetro 180. Chegamos, procuramos onde nós podíamos descarregar a mudança, informaram seu Antônio Dentista. Não sei o sobrenome dele, só conhecido por Antônio Dentista. Aí descarregamos a nossa mudança embaixo de umas árvores igualmente essas aqui. Passamos 30 dias ali naquele lugar, depois mandamos assistência para o outro carro vir, gasolina, fomos a Rurópolis comprar, tinha lá, e mandamos para o outro carro vir. Passamos 30 dias ali no Uruará, ou mais de 30 dias, que hoje é a cidade do Uruará, que não era, o antigo quilômetro 180. O nosso maior serviço que nós fazíamos era ir tomar banho nos igarapés e caçar cotia onde hoje é a cidade de Uruará. Hoje tem Banco do Brasil, tem Banco da Amazônia, tem Bradesco, tem Correios, e hoje a cidade abrange mais de três lotes de terra e foram criados bairro pra tudo que é lado. Então nós vimos nascer, ajudamos na abertura da Transamazônica, nos ramais, ajudamos a fazer ramal manual. Ajudamos a fazer corte, fizemos coleta para o trator do Incra, dar o óleo para o trator fazer o ramal. Ajudamos demarcar a segunda etapa de demarcação da Transamazônica, nós ajudamos a demarcar. Eu conheci uma vida mais difícil que eu já pude ver na minha vida, não foi o frio quando eu era menino, não, mas foi a Transamazônica dali uns anos, que ficou abandonada pelo poder público. Formavam-se grandes atoleiros de quilômetros, onde os caminhoneiros passavam de semana, 15 dias com o caminhão atolado sem ter uma máquina pra puxar. Pessoas morrendo de malária, pessoas morrendo de uma doença chamada leishmaniose, sem nenhum tipo de assistência.

P/1 – E vocês foram pra lá pra...

R – Pra lá pra esse lugar. Ponte rodando com as enchentes, caindo. Depois que foi criada a prefeitura, que hoje o homem que era agente distrital está aqui com a empresa chamada Solução, chamava-se Antônio Lazzarin, o conheci descalço andando nos travessões, que ele era do sindicato, sem ter condição de comprar uma sandália pra por no pé. Era uma pobreza muito extrema, que ficou abandonado. Quando...

P/1 – Mas deixe-me voltar um pouco. Vocês foram lá pra participar da Transamazônica?

R – Isso.

P/1 – E quando chegou lá, quanto tempo durou?

R – Os primeiros anos, os primeiros quatro anos eram muito bons. Tinha assistência, tinha o acampamento da...

P/1 – Vocês tinham trabalho?

R – Hein?

P/1 – Quem empregava vocês?

R – Não, nós trabalhávamos na agricultura. Sempre trabalhamos na agricultura. Como eu já disse, o nosso sonho era plantar cacau, e esse sonho nós concluímos. Nós chegamos a plantar 18 mil pés de cacau por conta, sem nenhum investimento. Por nossa força de vontade de vencer na vida. Esse cacau está produzindo até hoje, está com 30 anos de produzindo. Esse cacau. Meu pai mora no mesmo lote que nós compramos. Nós não pegamos terra pelo Incra, nós compramos terra. E ele mora nesse lote até hoje. Minha mãe faleceu, como eu já disse, mora ele e meu irmão. Hoje ele está na cidade, mas sempre ele está dando assistência lá e colhendo o cacau dele. Tem castanheira que nós plantamos, que hoje está produzindo, lá nesse lote. Surgiu o Projeto Jari, eu ouvia no rádio o Projeto Jari, e eu tinha um sonho de conhecer o Projeto Jari. Na época do presidente Collor, que foi uma das piores épocas da nossa vida na Transamazônica e do povo que vivia lá, eu não tinha mais como ficar no meu lote, que era muito longe pra dentro, eu só tinha três filhas, duas filhas, depois nasceu a terceira.

P/1 – Deixe-me voltar um pouco pra Transamazônica. Aí você ajudou seu pai a plantar cacau?

R – O cacau que tem lá, tudo passou por essas mãos, tudo plantado.

P/1 – Você disse que muito cacau, castanha, saiu das suas mãos.

R – Isso.

P/1 – Quanto tempo você ficou lá?

R – Eu ajudei a plantar o cacau e formá-lo. Primeiro plantamos mil pés, depois plantamos cinco mil pés, depois plantamos mais oito mil pés. Então o segundo e o terceiro, a Ceplac forneceu a semente. Fazia assim, um cadastro na Ceplac e a semente vinha da Bahia pra nós plantarmos. Fazer o viveiro e plantar. E eu plantei dentro dessa roça de cacau, eu plantei muito “pezeiro” de abacate, muita jaqueira, e plantamos vários pés de laranja e tangerina, estão tudo produzindo. Lá tem fruta lá dentro dessa roça que faz até medo. Primeiro plantamos a banana. Faz a roça, planta e planta a muda da banana pra fazer a sombra para o cacau. Então deu muita banana na época. Hoje os bananais estão tudo doente.

P/1 – E aí era o para o consumo próprio e pra venda?

R – Consumo próprio e pra vender.

P/1 – E conseguia vender lá?

R – Conseguia vender. E o que excedia da venda, que sobrava, nós fazíamos ração pra criação pra porco. Nós sempre criamos porcos.

P/1 – Quanto tempo o senhor ficou lá?

R – Eu saí está com 20 anos que eu vim pra essa região.

P/1 – Então você ficou lá quanto tempo?

R – Eu não lembro quanto tempo faz. É só fazer a contabilidade. Nós chegamos em 77, nós estamos em 2013.

P/1 – Mais ou menos até 80.

R – É. 82, 80 e... Eu casei em 86, foi no ano que nós estávamos plantando o segundo cacau que eu casei.

P/1 – Você conheceu a sua mulher lá?

R – Não. A minha esposa também é nativa de Guarapuava. Os bisavôs, os avôs passaram por Laranjeira do Sul, se conheciam, vieram pra um lugar próximo do nosso lugar, chamado Campo Bonito, que hoje é uma cidadezinha, e ela nasceu lá em Campo Bonito. E eu nasci em Sertãozinho. Só que os nossos pais, avôs e bisavôs se conheciam, e nós não nos conhecíamos. O avô da minha esposa é de origem africana. Também não conheci, só conheci o pai dela e a mãe, a mãe ainda é viva, ainda mora em Altamira, na cidade de Altamira. E nós viemos nos conhecer lá na Transamazônica. Viemos nos conhecer e casar. Estou há 27 anos de casado. Sou pai legítimo de sete filhos, onde cinco são

mulheres e dois são homens. Um trabalha lá na hidrelétrica do Belo Monte, o mais velho, está com 20 anos. Como aqui não tinha estudo, surgiu uma escolinha ali, e ele começou a ir de moto pra escola, quebrou a perna, e dessa quebrada da perna, ele teve que ir embora. Quebrou muito feio a perna dele. E nós estávamos aqui na cidade, quando soubemos a notícia que ele estava com a perna quebrada, que o pessoal da fundação já tinha dado apoio. Que eles tinham ido fazer uma reunião com o pessoal do cafézal, e levando os visitantes de fora, de outra região do país, conhecer o cafézal, um povo que mora lá, tem uma associação, e tinha ido uma ambulância pra dar apoio. Na hora que ele se acidentou, que quebrou a perna, que outro motoqueiro bateu na dele, ele foi socorrido por uma moto até uma casa, onde tinha os primeiros socorros, tinha água, uma sombra. De lá, a ambulância o pegou, trouxe para o Monte Dourado, aqui para o hospital. Chegou aqui, não tinha recurso, daqui transferiram para o hospital de Laranjal do Jari. Quando nós soubemos da notícia, que falaram pra nós na feira, nós já fomos procurá-lo. No outro dia não tinha também recurso no hospital de Laranjal do Jari, ligaram pra cidade de Macapá e solicitaram o avião pago pelo Governo do Estado. Então ele usou uma moto como transporte depois que se acidentou, depois a ambulância do Grupo Jari aqui, com a Fundação Orsa. Depois outra ambulância do hospital para Laranjal do Jari, depois outra ambulância de Laranjal do Jari para o aeroporto, depois o avião monomotor. Fui acompanhá-lo. Chegando ao aeroporto em Macapá, outra ambulância. Então foram vários transportes que foram usados pra fazer a remoção dele até chegar ao hospital em Macapá. Chegou lá, o hospital tava congestionado de paciente de todo tipo, de todos os lugares e com todos os problemas: perna quebrada, braço quebrado, cabeça quebrada. A polícia chegando lá, fazendo a guarnição de pessoas que se acidentou e tava...

P/1 – Mas ele foi atendido lá?

R – Foi. Foi. Mas demorou muito pra ser atendido. Como nós conhecemos muita gente na região...

P/1 – Aí deu um jeito.

R – Um homem que hoje é nosso irmão na mesma fé, na mesma doutrina, na Congregação Cristã no Brasil, soube que nós estávamos lá, foi dar apoio.

P/1 – E ele ficou bem?

R – E ele tem um filho que é médico. O filho deixou de ir viajar...

P/1 – E assistiu ele.

R – E ficou já com um 18 dias, mais ou menos, que ele estava lá, e solicitou outro amigo dele, médico dessa área de ossos pra fazer a operação dele. Aí foi feita a operação dele, ele veio, não tinha como ele ficar aqui, minha filha ia ganhar neném lá em Belo Monte, foi com ela pra lá. Lá ele estudou mais seis meses e arrumou um emprego.

P/1 – Deixe-me voltar (risos). Como você saiu da Transamazônica, daquela região, e veio pra...

R – Pra cá.

P/1 – Qual região você veio pra cá?

R – Eu vim pra Altamira.

P/1 – Por que você saiu de lá e veio pra Altamira?

R – Porque a estrada ficou abandonada, cortada. Não tinha preço na pimenta do reino, nós também somos produtores de pimenta do reino, produzimos muitos anos pimenta do reino também. Então ficou em calamidade pública. Não tinha estrada, não tinha investimento para o agricultor, para o produtor rural, não tinha nada. Eu abandonei o lote que tinha, não abandonei, deixei lá as coisas tudo, e vim trabalhar numa fazenda. Trabalhei seis meses numa fazenda. Nessa época, o Governo Federal estava tirando o pessoal de uma reserva indígena, terra que não era da União, era da reserva. E o pessoal viajava muito a pé. Aí que eu queria concluir, que nós mudamos a rotina da entrevista. Então toda semana chegava família na minha casa, dessa fazenda, pedindo auxílio. Pedindo dormida, pedindo alimentação. E nós auxiliávamos, dávamos dormida, dávamos alimentação. Senhoras com crianças. Que tinha a Polícia Federal, junto com o Ibama, que é um erro que eu acho muito grande fazer isso com o ser humano. Na minha pessoa, eu acho errado. Eles dizem outro ditado. Eu digo erro, porque minha língua é essa. Você tem uma pessoa aqui, vai remover essa pessoa? Então pega essa pessoa daqui e leva... Se não é área de agricultura, leva pra outra área, assenta essa pessoa pra trabalhar. Aí o pessoal desertando, com fome, com sede, sem a mudança dele, abandonando a roça que ele plantou pra ele sobreviver.

P/1 – Aqui você está falando?

R – Na Transamazônica. Lá.

P/1 – Lá atrás. Aí você veio pra cá?

R – Aí eu vim pra essa fazenda, trabalhei seis meses. Terminou o serviço, vim pra Altamira, fiquei mais uns tempos na cidade de Altamira. E ouvia falar no Projeto Jari. Eu digo: “Eu vou conhecer o Projeto Jari?”. Eu disse pra minha esposa: “Fica aí na casa da tua mãe com as crianças” – na

época tinha as três meninas – “e eu vou para o Jari. Se lá for bom e eu arrumar um emprego, eu mando te buscar”. Vim pra cá de carona, que não tinha dinheiro nem pra pagar a passagem do barco, foi outra pessoa que pagou. E trouxe um alho, eu fui vender o alho pra ele na rua. Fui num dia, fui nos dois, no terceiro dia eu encontrei uma pessoa que trabalhava aqui. Fui oferecer o alho pra vender pra esposa dele, perguntou de onde eu era, eu comecei a contar, ele falou: “Não, aqui é muito fácil de emprego. Você quer trabalhar?”. Eu falei: “Eu estou sem trabalho. Eu estou vendendo isso aqui, mas isso aqui não é meu. Isso aqui é só pra eu ter minha estadia, a minha alimentação. Estamos dormindo de favor”. Uma senhora, que até já morreu, me deu hospedaria na casa dela. Morando de favor. E ele morava bem pertinho da casa dessa senhora. Ele falou: “Não, amanhã você vai comigo já de madrugada, eu já vou te levar pra uma empresa”. Levou-me pra Braga Florestal. Lá eu trabalhei sete meses na Braga Florestal. Aí mandei minha esposa vir, ela veio.

P/1 – Como você se correspondia com a sua esposa?

R – Por carta.

P/1 – Você escrevia carta?

R – Escrevia carta.

P/1 – E mandava pelos Correios?

R – Pelos Correios.

P/1 – Como era? Você se lembra de alguma carta que você mandou pra ela?

R – Ah, não lembro, não. Só contava que eu estava empregado e que não tinha recebido, e que ela podia vir, que aqui eu pagava a passagem do barco. Aí ela veio. Quando chegou aqui, eu paguei a passagem dela.

P/1 – A agência dos Correios, qual você usava?

R – Sempre era daqui do Monte Dourado. A que nós mais usávamos era a daqui. Concluindo a conversa da Transamazônica. Então eu via aquelas pessoas, aquelas senhoras, aquelas crianças, aquilo me cortava o coração. Digo: “Em que país nós estamos vivendo? O que está acontecendo conosco?”. Então aquilo me gerava uma revolta muito grande.

P/1 – Mas aí você tava trazendo... Você trouxe sua filha... Você já tinha filho?

R – Tinha três filhas.

P/1 – Veio a sua mulher e as três filhas?

R – As três filhas. Estão todas as três casadas.

P/1 – E aí vocês ficaram em Altamira?

R – O meu pai ficou em Uruará. Ele mora lá até hoje.

P/1 – Não, mas aí vocês ficaram em Altamira?

R – Nós passamos uns seis meses em Altamira.

P/1 – E aí?

R – Depois que nós viemos pra cá.

P/1 – Pra cá aonde?

R – Pra cá pra Monte Dourado.

P/1 – Aí você mudou pra Monte Dourado?

R – É.

P/1 – Por que você mudou pra Monte Dourado?

R – Porque, como eu já disse, lá tava tudo abandonado, então nós saímos, partimos pra procurar...

P/1 – Não, mas Altamira, você voltou pra Altamira, ficou sete meses. E por que você saiu de Altamira?

R – Porque eu ouvia falar no Projeto Jari.

P/1 – Entendi.

R – E eu escutava uma rádio, uma rádio de Belém, eu não lembro bem o nome agora, e lá o Osana Duarte falava. A Rádio Clube, Cultura, Rádio Cultura do Pará. O locutor chamava-se Osana Duarte. Ele falava aqui do Jari, falava dos garimpos, falava de vários garimpeiros aí, que eu não lembro o nome agora. Eu digo: “Eu vou conhecer esses homens”. Eu pus aquilo na cabeça, que eu ia conhecer o Projeto Jari. E eu tinha conversado uns tempos, antes, lá na Transamazônica, com um homem que trabalhou no desmatamento do Projeto Jari, então ele contava. E hoje tem um filho dele que está aqui também, junto conosco aqui. Era vizinho do meu pai lá, ele falava do Projeto Jari. E eu ouvia falar também no rádio no Projeto Jari. E na época o Governo Federal tirou daqui o homem que era dono do Projeto Jari, que era o americano, chamava-se Daniel Ludwig, a gente via na reportagem, escutava pelo rádio a reportagem do Projeto Jari, o que o Governo estava fazendo, o grupo que ia comprar o Projeto Jari do americano, que o americano queria montar aqui dentro um território, e que o americano tava roubando muito ouro da região, e tal, e tal. Então despertou uma curiosidade de eu conhecer o Projeto Jari. Aí vim só, depois a família veio. Arranjei um emprego, depois saí dos empregos, trabalhei em mais nenhum..

P/1 – Onde você arrumou emprego?

R – Arrumei emprego na Braga Florestal.

P/1 – Ah, está, eu sei.

R – No campo ainda. Plantio, desmatamento, essas coisas. Depois trabalhei uns três meses em outro lugar e aí saí. Aí não me empreguei mais. Aí já fui procurar terra. Fui aqui para o lado do Amapá, num lugar chamado Centro Novo, que tava desativado, nós reabrimos lá. Lá eu perdi o meu irmão, esse que morreu aqui, nesse trabalho. Ele adoeceu lá e morreu, não teve assistência. Não tinha assistência, passou muito tempo pra chegar ao hospital. Aí quando foi brechado lá por causa do entorno de uma reserva extrativista, nós saímos de lá, viemos pra cá, e meu irmão foi aqui pra Estrada Nova, onde nós estamos, conheceu a área, gostou, veio, falou comigo. Eu morava no Jari, minha esposa tinha uma padariazinha na época.

P/1 – Ela montou uma padaria?

R – Montou. De cozinha, ela sabe fazer tudo. Não tem o que ela não sabe fazer de cozinha. Inclusive, produzimos biscoito da castanha e também a castanha já beneficiada pra vender. Não estamos produzindo porque não temos a empresa montada. E o nosso sonho é montar uma empresa, ou uma associação, ou uma empresa...

P/1 – Vamos voltar um pouquinho. Daí vocês acharam essa Estrada Nova...

R – Achamos a terra boa, aí moramos no ramal do Serra Grande, onde foi aberto por causa de nós, que entramos lá.

P/1 – Quem foi? Foi você...

R – Fui eu, meu irmão, outro que mora aí, que também está doente da vista, e um senhor amigo nosso desde o Paraná, chamado Zé Paraná. Pedro Paraná, Paulo Paraná e Zé Paraná foram os que abriram o ramal da Serra Grande. Queriam por Ramal dos Pararáns, nós não aceitamos. Aí: “Qual o nome que se dá do ramal, tal?”. E lá tinha uma montanha que subia só se agarrando e descia se agarrando, aí surgiu na hora ali da entrevista, surgiu de nós botarmos Serra Grande. Em vez de ser Ramal dos Pararáns, Ramal da Serra Grande.

P/1 – Por que ramal?

R – Ramal porque é um ramal, não é uma estrada principal.

P/1 – Sei.

R – Uma estrada mais inferior um pouco. E essa estrada deu acesso a uma vila chamada Recreio, uma vila que tem mais de 120 anos de existência. O Ramal da Serra Grande varou no Recreio. Então toda vez que eu entro na entrada desse Ramal da Serra Grande, eu me lembro do tempo que nós entramos.

P/1 – Vocês são os fundadores?

R – Os fundadores. Então eu sinto uma alegria muito grande cada vez que eu entro lá. E quando nós entramos lá, nós estávamos passando um momento, um momento bastante difícil financeiro. E lá nós encontramos dentro da mata um pé de castanha com muita castanha embaixo. Nós não sabíamos nem quebrar a castanha. Já conhecíamos, porque nós tínhamos visto castanha na Transamazônica, mas nunca nos envolvemos com isso. Lá nós fomos quebrar essa castanha desse pé de castanheira. Nós quebramos 26 latas de castanhas.

P/1 – E como vocês faziam a casa? Vocês mesmos construíam?

R – Nós mesmos construímos. Era de palha. Tem por aí a palha preta? Não, não tem aqui. É uma palha que dá embaixo da mata, chamada palha preta. Nós cobrimos de palha preta e cercamos de madeira, assim, de vara, pau a pique. O nome chama-se pau a pique. A primeira casa, o primeiro barraco. Isso aí foi fotografado pela prefeitura, pela Emater. Quando a prefeita já mandou fazer a estrada, já com um ano que nós estávamos lá, nós produzimos muito milho, muita galinha. Nós tínhamos muita galinha, tinha porco já capado, no ponto de matar. Fizemos um almoço pra prefeita lá, ela ficou muito alegre. Fotografaram-nos, o nosso barraco, o nosso fogão, fogão tudo rústico, tudo feito...

P/1 – Sua mulher, que cozinhava super bem?

R – Muito bem.

P/1 – Aí ela fechou a padaria?

R – Fechou. Nós vendemos aqui a casa na cidade.

P/1 – Entendi.

R – Nós quebramos essa castanha, e esse senhor que morava conosco, Zé Paraná, a família dele tinha o abandonado, ele inventou de torrar a castanha. Nós achamos uma folha de flandres, não é ferro, é um alumínio, não é alumínio, é um flandres mesmo, igual um tambor, do assoalho de carro, de um carro antigo. Então as coisas de antigamente eram muito bem feitas. Aquilo muito forte servia de uma chapa e nós torrávamos a castanha naquela chapa pra comer com café. E fizemos um pilão manual pra socar aquela castanha com açúcar e farinha, farinha de mandioca. Era a nossa merenda de manhã pra trabalhar. E nós aguentávamos trabalhar até meio-dia com a paçoca de castanha do Pará, com açúcar e farinha, farinha de mandioca. Era a nossa merenda durante uns seis meses. Era o que nós comíamos. E o excedente dessa castanha, nós tiramos um pouco pra nós comermos, aí nós descobrimos mais uns pés de castanha que também tinham, que têm até hoje lá, e essa árvore de castanha foi Deus que preparou pra nós, porque não tinha, nunca mais ela deu o mesmo tanto de castanha. Nunca mais. Foi só esse ano. Ela dá todos os anos, mas dá bem menos. Deu 26 latas de castanhas, isso eu nunca vou esquecer na minha vida. E essa terra que eu morava era uma terra de areia, não dava milho, o milho era fraco. Nós plantávamos muito arroz e mandioca. A onça vinha longe da porta da nossa casa, como aquela árvore lá.

P/1 – Você não tinha medo?

R – Não, nós tínhamos medo. E a nossa casa, a segunda casa que nós fizemos, já coberta de cavaco. Eu já tinha pagado pra uma pessoa serrar a madeira pra cercar só o que não tava cercada. Então eu fiz um jirau, vou falar na nossa língua, como se fosse uma prateleira dessa aqui, lá em cima, já bem próximo da cobertura, e cerquei para as crianças não caírem de lá. Elas entravam, fechavam e elas ficavam dormindo lá, por causa da onça. E a nossa cama, nós não tínhamos cama ainda, não tinha levado cama pra lá ainda, tinha cama, mas tava aqui no Jari, não tinha como levar, nós fizemos uma cama fincado quatro torno, soalhada de ripa de açazeiro, pra por o colchão em cima. E ela era cercada de lona, o nosso quarto, por causa da onça e do carapanã, que tinha demais carapanã. Não tinha condição de dormir sem mosquito. Então essa época também foi uma época muito difícil. E pra entrar pra lá, eu levava um menino dentro de um paneiro, paneiro de juntar castanha, e levava o outro no braço. E nessa época, nós adotamos um sobrinho meu, que hoje está com 22 anos. A mãe dele o teve, não tinha marido e não tinha condição de criar. E ele foi contraído de uma doença chamada tuberculose com... Outra doença que dá no pulmão?

P/1 – Pneumonia?

R – Pneumonia aguda. Ele estava entre a vida e a morte no hospital. E eu perdi meu emprego da Braga Florestal, ganhei abandono de serviço, por causa dele. Que até então nós não tínhamos um filho homem ainda, só tinha as meninas. E eu queria que a minha mulher tivesse um filho homem. Com um ano, ela saiu gestante e teve o meu filho, que hoje está lá no Belo Monte, que se chama Írio Júnior. Já aprendeu a profissão de lubrificador, faz a lubrificação nas máquinas lá das empresas. É o que quebrou a perna. E aí o nosso quarto era cercado por essa lona.

P/1 – Seu Pedro, daí o senhor falou que tava aqui, foi fazendo sua casa, você já tava na segunda casa aqui.

R – Na segunda casa.

P/1 – E aí?

R – Passados uns seis meses, o homem veio serrar a madeira pra cercar a casa. Aí terminamos a casa, concluímos a casinha, está pronta até hoje. Já foi fotografada muitas vezes. Muitas pessoas conheceram. Inclusive seu Domingo, que muito amigo nosso de muito tempo, conheceu, tomou café lá conosco várias vezes. E várias pessoas da empresa. Então, como eu já falei...

P/1 – Você mora na mesma casa até hoje?

R – Não. Nós vendemos essa propriedade, adquirimos outra. Então eu vou voltar um pouquinho atrás sobre a castanha. Então essa castanha serviu de merenda pra nós muito tempo. De manhã nós comíamos, assávamos. Comíamos ela assada, comíamos ela feita paçoca, comíamos ela natura mesmo. E me despertou na minha mente: “Castanha do Pará que é o negócio”. Porque eu via lá, quando eu era menino no Paraná, o pinhão, da árvore chamada pinheiro, que no nome científico é araucária brasileira. Então na época que tinha muita mata, nós juntávamos, quando nós éramos meninos, nós íamos pra escola, chegava, a mãe assava pra nós comermos. Dividia com os meninos, com os outros coleguinhas nossos de escola. Eu pensei assim: “A castanha é igual o pinheiro, igual o pinhão”. E nós gostávamos muito da castanha. E como já disse que na minha

área não dava milho, e nós gostamos de criar galinha, porco, pato, eu ficava assim pensando: “Mas, Senhor, como um dia eu vou adquirir uma área que dê milho? Uma área que dê bastante milho?”. Um dia chegou um rapaz pra me oferecer uma vaca pra vender. Inclusive, a vaca dele tava no meu pasto. O seu Domingo aí conheceu. Eu falei: “Amanhã eu vou olhar a vaca. Amanhã”. Disse a hora e fui. Peguei a bicicleta e fui. Cheguei lá a casa dele, ele falou: “Rapaz, a vaca é tanto, o valor da vaca é tanto. Mas eu tenho outro negócio pra fazer com você” “Que negócio?”. Ele disse: “Eu tenho uma área de castanhal pra te vender”. Aí eu voltei lá no Paraná, no pinhão, voltei lá pra castanheira que nós juntamos as 26 latas de castanhas, que nunca mais ela deu igual, eu digo: “Eu vou ver. Quanto está o valor da área?” “Não, vá lá olhar. Eu quero vender porque eu estou doente. Eu não vou mais tirar castanha lá” “Está bom?”. Marcamos o dia, fomos olhar a área. Eu não entendia de castanha, só de comê-la, como eu já falei. (risos) Eu vi lá um bocado de pé de pau de castanheira, eu falei: “Mas é este aqui o castanhal?”. Ele disse: “É esse”. Eu digo: “Quanto que dá de castanha aqui nesse teu castanhal?”. Tinha de vários donos, como tem até hoje. Ele falou: “Olha, aqui dá 80 sacos, cem sacos”. Eu vi: “Mas pouquinho árvore dá esse tanto de saco castanha? Se barrica?”. Aqui a linguagem é barrica, hectolitro. Não acreditei na conversa dele, não, mas fiquei animado. Fiquei animado porque a terra era boa. Tinha uns pés de banana lá, a coisa mais linda do mundo. Eu digo: “Aqui o negócio é bom. Aqui da feijão do sul, aqui da banana, aqui dá feijão, aqui dá milho”. Tinham uns pés de milho lá, espigona desse tamanho. Voltei e passei na casa do pai dele junto com ele, Zé Meireles, um dos mais antigos da região. Eu falei: “Seu Zé, estou negociando a área de castanha com o Rato”. O apelido dele é Rato. É Valdenir, Valdenir, uma coisa assim o nome dele, mas apelido Rato. Ele disse: “Ô, seu Mano, compre a minha também”. Quando ele disse assim, eu fiquei mais animado. Eu digo: “Seu Zé, quantas barricas de castanha dá o castanhal do Rato?”. Ele falou: “Seu Mano, dá 80, dá 90, já deu até cem”. Aí eu já peguei a conversa anterior, que ele tinha me dito que dava de 80 a cem. Eu digo: “Bateu. Está mais ou menos no rumo”. Mas como eu não entendia, não sabia, não conhecia dos trabalhos, digo: “Rato, qual o preço do castanhal mesmo?”. Olha, eu fui pra comprar uma vaca, da vaca já mudou pra castanha, já largamos do negócio da vaca. Ele vendeu pra outro a vaca, depois. Ele disse: “O que você tem pra nós negociarmos?”. Eu digo: “Eu tenho dois bois e tenho uma bicicleta novinha que eu paguei 600 contos nela”. Ele disse: “Está fechado” “Está fechado?” “Está”. Aí o velho disse: “Compra a minha também, seu Mano”. Eu digo: “Seu Zé, nós vamos ver isso no outro ano”. Aí seu Zé já tinha comprado uma terra lá no Paru, já tava fazendo uma casa, ia mudar pra lá. Que esse pessoal nasceu e se criou aqui nessa região, não conhece mais nada. E nessa região que ele estava tinha acabado a caça, não tinha mais caça no mato. E ele disse que depois de velho ele não ia morrer de fome. Então comprou essa área lá beira do Rio Paru, com dinheiro de castanha, fez roça, plantou sítio pra mudar. Ia tirar castanha só mais aquele ano ali e ia mudar pra lá, como mudou. No outro ano eu vim tirar castanha, acertamos de eu comprar a área do velho também, a área do castanhal, por cinco vacas, cinco bezerros e um valor parece que três mil cruzeiros. Quando o pessoal soube que eu tinha negociado a área com o velho, invadiram a área pra tirar castanha, me ameaçaram de morte, passei tempo sem poder ir dentro da área. E o velho mudou e largou o lote que hoje é meu também. Largou o lote lá. Abandonou o lote. Antes de ele mudar, ele falou: “Compra aqui, seu Mano”. Eu falei: “Seu Zé, eu não posso. Eu só posso comprar aqui se Deus preparar que eu venda a minha área da Serra Grande”. Que era a área que nós entramos, onde nós já tínhamos adquiridos quatro lotes. Todos os quatro tinham benefícios que nós fizemos: abertura, roça, eu já tinha casa de forno muito bem montada, três fornos, motor pra quebrar mandioca. Já tinha vendido a casa daqui do Jari e comprado um comecinho de gado lá. Já tinha pasto cercado, já tinha comprado um jumento, fui ao Piauí comprar um jumento, sertão do Piauí. Fui eu, mais outro, comprar os animais pra associação.

P/1 – E como você traz os animais de lá pra cá?

R – De carro até Belém, de balsa até o Paru. Passei 30 e poucos dias nessa viagem pra comprar esses animais. Na região era muito pouco animal. Ele disse: “Não, seu Mano, eu espero”. O lote ficou abandonado, veio gente de Rondônia pra comprar o lote. Soube a notícia, chegou, não achou o velho, foi embora, comprou em outro lugar. Ficou o lote abandonado um ano. Com um ano surgiu o negócio de eu vender o terreno da Serra Grande. No dia que o velho soube, no outro dia o velho bateu lá em casa pra fazer o negócio. Chegou e disse: “Vim te vender o lote, seu Mano”. Eu digo: “Ah, seu Zé...”. E nesse tempo, nesse período, eu entrei pra essa religião que eu estou hoje, Congregação Cristã no Brasil, a doutrina do senhor Jesus Cristo que leva ao céu, sem dúvida.

P/1 – Mas você começou a vender a castanha? O que você foi fazendo com a outra castanha?

R – Não, eu tirei a castanha, vendi a primeira castanha. Perdi, porque eu não sabia nem tirar e nem vender, me enganaram. Aí no outro ano, como eu estava contando, que eu vendi a Serra Grande, o terreno da Serra Grande, no outro dia o velho chegou a minha casa. E como eu já era crente, sou crente até hoje, servo de Deus, então tudo nós somos baseados na palavra, que está escrito na Bíblia. Se nós queremos fazer um negócio, fazer uma viagem, nós vamos buscar a palavra. Se Deus confirmar pela palavra, nós fazemos; se Deus não confirmar, nós desistimos de fazer. Aí o velho chegou, eu entrei pra dentro do meu quarto, da minha casa, orei a Deus, perguntei se era da sua vontade, ele falou... Aí eu pedi assim, que o senhor me iluminasse pra eu fazer aquele negócio. Eu pensei assim: “Se eu botar a proposta e ele pegar é porque é da vontade de Deus”. Ele disse: “São 12 mil o lote, seu Mano”. Eu falei: “Seu Zé, eu não posso comprar seu lote. Eu não tenho dinheiro pra comprar seu lote”. Ele disse: “E o que você tem, seu Mano? Quanto você tem? Quanto você pode me dar?”. Eu tinha vendido por dez mil, ele pediu 12, então pedi dois a mais. E eu tinha umas dívidas e eu precisava pagar aquelas dívidas. Eu falei: “Seu Zé, eu vou lhe fazer uma proposta, é pegar ou largar”. Eu digo: “Dou-lhe cinco mil agora, dou-lhe em cheque. Se o senhor quiser, eu vou lá ao banco troco o dinheiro, trago o dinheiro. E lhe dou mil com um ano”. Ele disse: “Está feito o negócio”. De 12, abaixou pra seis, dando cinco à vista e mil com um ano. Assim fizemos o negócio. E não fizemos nenhum documento. Isso foi verbalmente, igual nós estamos conversando aqui, e o negócio permanece de pé até hoje. Já vão pra 14 anos que eu moro nesse lote. Aí eu saí da terra de areia e vim pra essa terra boa, rica, onde já tem 12 alqueires de pasto formado, que nós formamos, e rico de castanha, castanha do Brasil.

P/1 – Você produz muito?

R – Nós chegamos a produzir até 888 sacos de castanhas. Só que há uns anos entrou um fogo, não sei se de ação criminosa ou não, e queimou os castanhais tudo, e nunca mais voltou a dar o que dava.

P/1 – Mas ainda assim você vende?

R – Vendo.

P/1 – Você vende pra quem

R – Vendo para o Garcilázio.

P/1 – O que é Garcilázio?

R – É um dos funcionários da empresa aqui que tem uma compra de castanha. Vendia pra outro homem, não deu certo, aí passei a vender para o outro, ele foi embora. Trabalhei quatro anos com o outro. Trabalhei quatro com um e quatro com outro. E com esse eu já estou com seis anos.

P/1 – Quanto de dinheiro dá pra fazer por ano com a castanha?

R – Senhora, depende do preço. O tempo que o preço está bom, dá dinheiro bastante; quando dá menos preço, o dinheiro é menos. Só que essa área, eu tenho duas áreas de castanha e estou negociando mais uma, do filho do seu Zé Meireles. Está negociada, falta pagar. Conhecido por Dico, mas é Valdevino o nome dele. Porque ele está doente, quebrou a perna, e mora em outra região, fica muito difícil o acesso pra ele vir trabalhar, então ele achou por bem me passar a área. Eu dar uma importância pra ele e ficar com a área, pra documentar, está documentando as áreas aqui agora. Então é outra vitória nossa também essa documentação dessas terras aqui na região. Voltando lá ao Paraná, nessa região, que eu não concluí o depoimento, então com três anos que meu pai morava ali, meus avós, veio essa empresa do Governo fazer esses 200 quilômetros de estrada, que eu já citei. Depois dos 200 quilômetros prontos, começaram a chegar as famílias pra região, pra desenvolver. Chegava, se apossava, ia trabalhando, e ia. Aí o erro não parte dos agricultores.

P/1 – Não entendi.

R – O erro parte das autoridades: de Governo de Estado, de senador, deputado federal, de Governo Estadual e até dos próprios presidentes. A gente não vai citar nome, nem abordar nada, mas já vem a coisa de lá. O Governo do Paraná nessa época, fala meu pai, que eu não era nem nascido, chamava-se Moisés Lupion. Foi um dos que mais vendeu terra pra empresa. A primeira serraria que montou, a serraria perto da nossa casa, sete quilômetros, comprou do Governo do Estado, uma empresa do Rio Grande do Sul, comprou a área conosco dentro.

P/1 – Não entendi.

R – E não foram reconhecidos os posseiros antigos que tinham. Que já não eram mais só a nossa família, já tinham muitas famílias na região. Com um ano que o Governo vendeu a área e documentou com os posseiros dentro, cheio de madeira de lei, cheio de caça, cheio de erva de chimarrão, que é um dos produtos mais vendidos hoje. Quem tem um plantio de erva de chimarrão que é nativo, mas tem plantio também, igual a castanha, e o pinheiro, e outras árvores nativas que a gente viu por aqui, as mudas, é rico. Eu fui numa empresa lá o ano retrasado, em 2010, de uma senhora, até uma viúva, uma alemã, meu tio compra só dela lá o chimarrão pra tomar.

P/1 – É, tem outro valor.

R – Uma empresa riquíssima.

P/1 – Seu Pedro, deixe-me só perguntar uma coisa. Aí o senhor hoje está com esses lotes de castanha, continua produzindo, comercializando.

R – Continuo produzindo.

P/1 – Posso perguntar para o senhor? Qual o seu maior sonho hoje? O senhor tem sonhos? Quais são seus sonhos?

R – São três sonhos: o primeiro, era legalizar as áreas de terra; o segundo, é ter uma máquina agrícola pra trabalhar, um trator, deixar para os filhos e neto um trator pra eles trabalharem; e o terceiro, pode estar incluído no meio do primeiro ou segundo, é uma fábrica de derivado de biscoito e de castanha, e derivado de castanha. Tem uma cooperativa aqui no Iratapuru, tem uma aqui em Laranjal do Jari, tem uma associação na beira do Rio Paru, e tem outra lá perto de Almeirim, lugar chamado Arumanduba. E como eu já disse que a minha esposa é uma cozinheira de primeira linha, Deus deu pra ela, não foi o homem, não, que deu, foi Deus que deu pra ela a melhor receita de biscoito de castanha que pode existir no mundo, não é só no Brasil. Foi Deus que deu.

P/1 – Ela vende bastante?

R – Ela vende. Ela produz e vende. Ela não está vendendo agora porque estamos sem mão de obra e sem uma estrutura. O que ela faz ainda é artesanal. E há um ano, eu andando por aí afora, não lembro que lugar, às vezes tem hora que a minha memória é fraca, devido à enfermidade que eu estou na vista, então às vezes a minha memória falha. Às vezes eu estou conversando uma coisa, ela foge e eu tenho que ficar esperando voltar pra continuar o que eu estou falando. O Deus que nós servimos me deu uma planta, mandou fazer assim, assim, assim, assim, pra montar essa fábrica, me deu o desenho da fábrica. E eu peguei um papel e fiz tanto por tanto, tanto por tanto, tanto por tanto. Aqui sala de produção, aqui refeitório, aqui escritório e almoxarifado, aqui uma sala livre pra produção de descascar e beneficiar castanha, aqui na frente uma sala livre pra receber as visitas, os visitantes, um galpão do lado pra armazenar castanha, e do outro lado uma garagem pra guardar um trator agrícola, guardar um caminhão e um carro de apoio. E na frente, fazer várias casas populares, que o Governo também está investindo nessa área agora, na Minha

Casa Minha Vida, tirar uma área pra Minha Casa Minha Vida para os sócios da associação e as pessoas que vêm pra trabalhar nessa produção de derivado de castanha.

P/1 – Esse é o seu sonho, fazer isso?

R – Esse é o meu sonho. Um dos meus sonhos. Deixar um caminhão, um trator, a terra legalizada e a fábrica montada.

P/1 – Seu Pedro, o que você achou da experiência de contar o seu depoimento para o Museu da Pessoa? Contar a sua história de vida aqui?

R – Não, eu acho que outras pessoas que vão ver esse depoimento, eles vão ter uma noção do que era antigamente, do que é hoje, e nesse decorrer desse tempo. Porque nós temos uma história, uma história muito longa de vida, onde nasceu, onde se criou, onde estudou, com quem estudou, quando mudou, pra onde mudou, o que foi que fez, o que foi que conheceu, o que viu na Transamazônica, o que viu aqui, o que conheceu lá, o que ajudou fazer lá, o que deixou plantado lá, o que está plantando-se hoje aqui. Porque aqui, nós não só colhemos a castanha nativa, nós produzimos mamão Havaí, nós estamos com 808 pés de laranjas de enxerto plantados, começando a produzir. Nós estamos com 12 alqueires de pasto plantados e cercados nessas duas áreas, e estamos plantando a castanha do Pará. Temos pé de castanha começando a produzir, nossa planta, do ano que eu entrei no primeiro castanhal, que comecei a plantar e comecei a zelar. E tenho prova disso.

P/1 – E o senhor acha importante deixar isso registrado pra outras gerações?

R – Deixar registrado. E pedir, ainda, que o povo plante árvores nativas. Plante o cedro, o mogno, que está em extinção. Que plante a peroba do Paraná, que está em extinção, que plante o pinheiro do Paraná. Quem for ler esse depoimento, que plante lá onde que dá o pinheiro. Plante o pinheiro, plante o próprio cedro, plante a cajarana, que lá tem, que é madeira nativa também. Que plante a erva de chimarrão, que é outra riqueza também. E o pinheiro, além de que a madeira é muito cara e muito vendável, e a fruta também é muito saborosa e muito nutritiva. Como açai, plantar o açai quem mora na região norte. Plante o açai, plante a bacabeira, tem bacabeira no primeiro lote nosso, que a minha esposa plantou, que já está produzindo.

P/1 – Bom.

R – Nós estamos zelando de um grande bacabal dentro dos castanhais, onde nós vamos plantando a banana sem desmatar, igual nós temos aqui, só tirando alguma árvore fina e os cipós, o bacabal vai ficando formado aí para os filhos, netos e bisnetos que vão vindo aí.

P/1 – Ah, bacana.

R – Daqui cem anos, o mesmo castanhal que já produz, que o seu Meireles produziu 59 anos de posse, que está interando agora, daqui cem anos ele está produzindo o mesmo tanto ou mais.

P/1 – Bacana.

R – Porque castanheira que eu zelei, cortei os cipós, que ficou livre pra produzir, hoje já está dando três sacos de castanha, e isso está com 13 anos, pra 14 anos. E as que nós estamos plantando dentro tem roça de laranja, tem cento e poucos pés plantados já. Tem pé pequenininho, tem pé maior, tem pé que já dando flor. Tem mais de 80 pés plantados nossos, que nós plantamos.

P/1 – Parabéns, seu Pedro. Queria agradecer seu depoimento. Superbonita a sua história de vida.

R – Pois é. A nossa história é essa aí.

P/1 – Obrigada.

R – Obrigado a vocês.

P/1 – Muito bom o seu depoimento.

FINAL DA ENTREVISTA